

PROCESSOS VERBAIS NAS REPORTAGENS DA REVISTA *CAROS AMIGOS*

Daniele de Oliveira¹

Resumo: *O objetivo deste trabalho é investigar como a revista Caros Amigos gerencia as vozes citadas ou relatadas em suas reportagens. Para tanto, fundamentar-nos-emos no aparato teórico metodológico disponibilizado pela Linguística Sistêmico-Funcional (HUNSTON, 1995; HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004) e também no conceito de verbos introdutores de opinião (MARCUSCHI, 2007) que nos mostrará a função discursiva do aspecto em tela. A importância desta pesquisa está em voltarmos nosso olhar para um veículo de comunicação alternativo, como a revista Caros Amigos, já que, em geral, as análises de discurso se dedicam ao discurso da mídia corporativa. A análise foi feita em oito reportagens da revista Caros Amigos publicadas nos anos 2012 e 2013. Nossa análise revelou (i) que o foco das orações verbais nesse discurso recai principalmente na Citação e no participante Dizente; (ii) que menos de 20% dos processos verbais identificados introduzem pontos de vista divergentes do posicionamento defendido pela revista; (iii) que os verbos introdutores de opinião mais recorrentes nesse discurso são fracos do ponto de vista argumentativo.*

Palavras-chave: *Oração Verbal. Processo Verbal. Reportagem. Verbos Introdutores de Opinião.*

Introdução

A análise do uso dos Processos Verbais em dado discurso revela que vozes de terceiros são articuladas à voz do autor do texto e, principalmente, como essas vozes são articuladas.

Sendo assim, nosso objetivo é analisar as vozes articuladas no discurso da revista Caros Amigos, em um *corpus* de oito reportagens que tratam de assuntos diversos, selecionadas nos anos 2012 e 2013, sob o viés da Linguística Sistêmico-Funcional (HUNSTON, 1995; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), mais especificamente a partir da análise das Orações Verbais encontradas nessas reportagens e também da concepção de verbos introdutores de opinião apresentada por Marcuschi (2007), que sugere uma análise discursiva da ação desses verbos. As teorias são compatíveis e complementares entre si, o que nos permitirá uma análise aprofundada do comportamento dos verbos do dizer no discurso da revista *Caros Amigos*.

Verbos ‘de relato’ ou verbos introdutores de opinião

¹ Professora da Universidade Federal da Bahia.

Hunston (1995) faz uma importante distinção entre *afirmação* e *atribuição* como fundamentais para a organização da interação em textos escritos. Para a autora, o que não é atribuído é afirmado pelo próprio autor do texto. Usando como exemplo o texto acadêmico, Hunston (1995) aponta a variedade de objetivos com os quais a atribuição pode ser adotada, uma vez que ela transfere a responsabilidade pelo que está sendo dito. Sendo assim, a atribuição pode ser usada para inserir uma informação que corrobora o ponto de vista do autor do texto, para indicar uma lacuna na pesquisa, ou para ilustrar um ponto de vista contra o qual o autor do texto deseja argumentar (HUNSTON, 1995). Pode-se dizer que a atribuição funciona de modo análogo no discurso jornalístico, ou seja, ela pode ser usada para reforçar o ponto de vista do autor do texto, para contrapor esse ponto de vista ou ainda para explicitar alguma lacuna na discussão. Da mesma forma, o autor do texto jornalístico também transfere a responsabilidade da informação atribuída em seu texto.

Além disso, ressalta Hunston (1995), o autor do texto pode avaliar a atribuição, o que será feito por meio do *verbo 'de relato'*, nos termos da autora. Hunston (1995) cita os verbos que revelariam a concordância do autor do texto em relação à informação atribuída: *reconhecer, admitir, conceder, confessar, revelar, divulgar, predizer, advertir, indicar, mencionar, notar, recordar, revelar, deixar escapar, tornar claro, apontar*; e também aqueles que revelam exatamente o contrário, alguma dúvida ou descrença: *alegar, afirmar, mentir, informar mal, dar a entender, decifrar*. É importante reforçar que os estudos mencionados utilizaram como *corpus* o texto acadêmico. No entanto, nossas análises mostraram que o comportamento dos verbos 'de relato', ou processos verbais, é semelhante no texto jornalístico com o qual trabalhamos.

Mais recentemente, Marcuschi (2007) também propôs uma reflexão sobre os verbos introdutores de opinião (ou verbos 'de relato' (HUNSTON, 1995). Para o autor, "apresentar ou citar o pensamento de alguém implica, além de uma oferta de informações, também uma certa tomada de posição diante do exposto" (MARCUSCHI, 2007: 146). No entanto, ressalta o autor, esse posicionamento, em geral, não é explicitado paralelamente, mas é processado por meio do instrumento linguístico. Dito de outra forma, são as escolhas linguísticas feitas pelo autor do texto que revelam seu posicionamento em relação ao pensamento que veicula em determinado discurso.²

De modo geral, "pode-se dizer que é praticamente impossível informar neutramente" (MARCUSCHI, 2007: 151), já que, ao apresentar ou citar o discurso do outro, o autor do texto parte de sua interpretação desse discurso, interpretação que, por sua vez, é influenciada pelas estruturas sócio-político-culturais nas quais está inserido. Sendo assim, quando informamos uma opinião, especialmente no discurso jornalístico, podemos dizer que ela é sempre manipulada por essa

² O termo discurso, neste trabalho, está sendo entendido como uma forma de representação do mundo material, tal como proposto por Fairclough (2003). Assim, temos o discurso da revista *Caros Amigos*, o discurso feminista etc.

interpretação pessoal. Essa manipulação, em geral, é feita por meio de um verbo introdutor de opinião.

O relato de opiniões pode acontecer por meio de um verbo, de uma nominalização, de construções adverbiais ou de dois-pontos (ou inserção aspeada no texto). Neste trabalho, vamos nos dedicar principalmente à análise da opinião introduzida por um verbo.

Os verbos introdutores de opinião funcionam como “parafraseantes sintéticos” (MARCUSCHI, 2007), já que resumem o sentido geral do discurso apresentado em uma só palavra. Para o autor, essa organização parte de um texto (relato) montado a partir de outro texto (opinião), e é justamente nessa organização que a manipulação pode se manifestar, já que nem sempre as funções assumidas pelos verbos são coerentes com a opinião do autor do discurso relatado.

Tendo em vista também a função argumentativa que esses verbos desempenham no discurso, podemos dizer que eles incorporam as intencionalidades do autor do texto, a partir de sua interpretação da opinião citada ou relatada. Mas como essas orações são estruturadas textualmente? Mais especificamente, como elas são estruturadas no discurso jornalístico? Passemos agora à proposta de Halliday e Matthiessen (2004) para uma análise da estrutura das orações verbais, com o intuito de tentar responder a essas questões.

As orações verbais

As orações verbais são orações de dizer e constituem um recurso importante em diversos tipos de discurso, tais como o acadêmico e o jornalístico, uma vez que contribuem para a criação da narrativa tornando possível a configuração de passagens explicitamente dialógicas ao mostrarem as fontes de determinadas vozes presentes no texto (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). No discurso jornalístico, mais especificamente, é por meio das orações verbais que o jornalista atribui a informação a fontes, que podem ser representantes do governo, especialistas no assunto e/ou testemunhas.

A oração verbal é constituída de um participante principal, o Dizente, de um processo que indica a atividade de fala, o Processo Verbal, e pode apresentar também outros Participantes opcionais: a Verbiagem, o que é dito, o Receptor, a quem é dito, e o Alvo, o que ou quem é atingido pelo processo de dizer. O participante Dizente é o responsável pelo processo verbal, ainda que não seja humano. Sendo assim, a fonte de uma informação tanto pode ser um ser consciente, como em *E, como ela foi concebida tão somente para atender a uma demanda diplomática, conforme aponta Dallari, não levou em conta as necessidades dos usuários profissionais da língua, como professores e jornalistas,*

quanto pode ser um ser inconsciente, como em *a raposa disse que as uvas ainda estavam verdes*, em fábulas e histórias infantis, por exemplo.

Os processos das orações verbais, conforme sugerem Halliday e Matthiessen (2004), podem ser realizados por verbos ou por grupos verbais de dois tipos principais: os verbos de atividade (elogiar, insultar, abusar, caluniar, lisonjear, criticar, culpar, repreender, falar e conversar) e os verbos de semiose (contar, relatar, anunciar, explicar, provar, prometer, perguntar, interrogar, dizer, ordenar, ameaçar, suplicar, implorar, rogar, persuadir e prometer, ente outros). Além dos processos verbais, é importante ressaltar as Circunstâncias de Ângulo que se relacionam com o Dizente nas orações verbais. Nesse caso, a Circunstância de Ângulo constitui a fonte da informação Citada ou Relatada (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) e, por isso, também pode ser considerada parte de uma oração verbal.

O participante Receptor, a quem a mensagem é dirigida, em geral é realizado por um grupo nominal, que pode indicar um ser consciente, um coletivo ou uma instituição, como em *João Pedro responde a todas as perguntas dos jornalistas*. Ressaltemos que o grupo nominal que representa o Receptor também pode ocorrer acompanhado por uma preposição, como no exemplo citado.

O participante Alvo refere-se a quem será atingido pelo processo de dizer, ou seja, sobre quem o Dizente age verbalmente, como em *Ela acusou o marido de ser individualista*. As orações verbais que apresentam Alvo em geral não projetam orações.

Em uma abordagem funcionalista da linguagem, o Participante Verbiagem, ou o que é dito, tem a função de oração secundária em uma oração complexa, que pode ser realizada por um grupo nominal ou preposicional. Ela pode representar o conteúdo do que é dito (questão, afirmação, ordem), ou seja, o nome do dizer. Além disso, a Verbiagem também pode representar o nome de uma língua (árabe, francês). Nas orações verbais é muito frequente que a Verbiagem seja realizada por meio de uma oração projetada que será classificada como uma Citação ou como um Relato.

A noção de projeção pode ser entendida como uma relação lógico-semântica por meio da qual uma oração passa a funcionar como a representação de uma representação (linguística) e não como uma representação direta da experiência (não linguística). Os usos discursivos da projeção podem ser: atribuir fontes em notícias, representar pontos de vista no discurso científico, construir diálogos na narrativa, construir questões na conversação. A oração projetada pode ser uma proposição, realizada por uma oração finita, ou uma proposta, realizada por uma oração perfectiva não finita (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

Halliday e Matthiessen (2004) apontam três sistemas envolvidos na diferenciação dos tipos de projeção: o nível da projeção (ideia x locução); o modo da projeção (relato hipotático x citação paratática) e a função da fala (proposição

projetada x proposta projetada³). Por meio da projeção, uma oração torna-se a representação do conteúdo linguístico de outra. No caso específico da oração verbal, objeto desta investigação, o conteúdo da oração de dizer, ou seja, a locução.

No que se refere ao modo da projeção, ela pode combinar as orações projetante e projetada a partir das relações táticas de interdependência (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004): a parataxe (citação) e a hipotaxe (relato). Vejamos cada uma delas.

A forma mais simples de projeção é o discurso direto. Há inúmeros usos desse tipo de vínculo de citação – material de testemunhas oculares em notícias, passagens dialógicas em narrativas, cenas em biografias, citações no discurso científico. Nesse tipo de citação, a relação tática, ou seja, o tipo de dependência, é a parataxe, o que significa que as duas partes têm valores iguais. A oração projetada retém, dessa forma, todos os traços interativos da oração, inclusive o potencial modo verbal, além dos vocativos e expletivos, seleção tonal e continuativos textuais (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

Além dessa forma, é possível também relatar um dizer, representando-o como um significado. Trata-se do discurso indireto. Nesse caso, o princípio básico que fundamenta a representação hipotática de um evento verbal é que esse evento não é, necessariamente, verdadeiro, mas apresentado como verdadeiro para aquele texto. O falante relata a essência do que foi dito, ou seja, o texto produzido pode ser bastante diferente do original. Ressaltemos, no entanto, que quando um falante usa a forma direta, paratática, ele também não está necessariamente repetindo as palavras exatas, mas complementando a informação (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

Passemos, agora, à análise das orações verbais encontradas nas reportagens de *Caros Amigos* com o intuito de compreendermos como ocorre o gerenciamento de vozes no discurso dessa revista.

Metodologia

As reportagens selecionadas para esta investigação são “A batalha pela partilha do latifúndio virtual” (março de 2012), “A verdadeira face que a direita oculta” (agosto de 2012), “Em cada batalhão da PM tem um grupo de extermínio” (setembro de 2012), “Empresa estrangeira atua em ensino público” (setembro de 2012), “A ditadura da grande mídia cala o país” (maio de 2013), “Reforma política volta ao debate” (agosto de 2013), “Até quando esperar?” (setembro de 2013),

³ A proposição é utilizada para troca de informações, enquanto a proposta para ofertas e comandos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Categorias da metafunção interpessoal, proposição e proposta também se relacionam com as categorias da transitividade, que realiza a metafunção ideacional experiencial com a qual estamos trabalhando.

“Polêmica existe desde os anos 90” (outubro de 2013). Optamos por selecionar reportagens que tratassem de assuntos diversos por entendermos que, dessa forma, faríamos um mapa mais fiel do discurso da revista como um todo.

Analisaremos, em primeiro lugar, as estruturas mais frequentes das Orações Verbais, incluídas nesse grupo as orações constituídas por uma Circunstância de Ângulo, já que elas também introduzem vozes alheias no discurso. Na sequência, a análise voltar-se-á apenas para os verbos introdutórios de opinião, à luz da proposta de Marcuschi (2007), ou seja, o foco estará na força argumentativa desses verbos. Entendemos que a partir dessas análises será possível alcançar nosso objetivo de investigar como se organizam as vozes relatadas no discurso da revista *Caros Amigos*.

A estrutura das orações verbais no discurso da revista *Caros Amigos*

Nas oito reportagens analisadas, foram encontradas 351 orações verbais, número que já revela a importância do discurso do outro para a revista. De fato, no discurso da *Caros Amigos*, a maioria das afirmações feitas é seguida de uma voz que as endossa ou as explica.

TABELA 1: Estruturas de orações verbais mais frequentes no discurso da revista *Caros Amigos*

	Estrutura da oração	Percentual
Padrão 1	Citação + Processo Verbal + Dizente	20%
Padrão 2	Circunstância de Ângulo + Relato (+ Citação)	17%
Padrão 3	Citação + Processo Verbal	13%
Padrão 4	Dizente + Processo Verbal + Relato ou Citação	6%
Padrão 5	Dizente + Processo Verbal + QUE + Relato (+ Citação)	5%

Essa análise revela que o foco das Orações Verbais no discurso de *Caros Amigos* recai principalmente sobre a Citação, e o participante Dizente ocorre na mesma posição em 28% das orações. De fato, em dois dos cinco padrões mais recorrentes é a Citação que aparece em destaque na oração, o que significa um percentual de 33% das Orações Verbais. Já o participante Dizente ocorre em 28% dessas orações nessa posição, considerando-se os padrões 2, 4 e 5. Estamos considerando também o padrão 2, pois a Circunstância de Ângulo envolve o Dizente da oração, como veremos nos exemplos dos padrões em realce.

O ponto de partida de uma oração, o Tema, é o elemento que a orienta em seu contexto (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Sendo assim, esses dados nos permitem perceber a importância da voz do outro, bem como de sua fonte no discurso da revista, já que essas vozes, além de orientarem o discurso, também endossam o posicionamento do autor.

Passemos agora à análise de alguns exemplos dos três padrões mais recorrentemente encontrados no discurso de *Caros Amigos*, a começar pelo Padrão 1:

1. “Se a lei for aprovada, quem desbloqueia um celular pode ficar sujeito a pena de reclusão de até dois anos. A mesma pena pode ser aplicada a quem transfere sua coleção de músicas do Ipod de volta para o computador”, critica Ronaldo Lemos, do Centro de Tecnologia e Sociedade da Faculdade Getúlio Vargas (FGV) no Rio de Janeiro e diretor do Creative Commons no Brasil. (março de 2012)
2. “Nenhum país resolveu seus problemas educacionais assim. O estudante não deixa de aprender, porque não tem computador na sala de aula. Ele não aprende porque falta professor, a aula é curta demais, o número de horas de permanência na escola é muito pequeno, o número de alunos na sala de aula é muito grande, o professor é mal remunerado e sobrecarregado, as escolas não têm laboratórios, bibliotecas e outros espaços para responder às questões do estudante”, manifesta-se Otaviano Helene, do IF-USP. (setembro de 2012)
3. “Do Congresso Nacional, sem pressão social, não sairão coisas do interesse público. É necessário fortalecer propostas de iniciativa popular que venham da sociedade. Nessas condições, esse novo Grupo de Trabalho da Câmara só pode produzir acordos espúrios, além de não querer ouvir a voz das ruas. Foram dois anos de Comissão Especial sem produzir proposta de interesse popular. Não é um grupo de trabalho que resolverá”, avalia o deputado [Ivan Valente, do PSOL]. (agosto de 2013)

O Padrão 1 ilustra a estrutura oracional mais recorrente no discurso da revista *Caros Amigos*, a saber, parte de uma Citação, seguida de um Processo Verbal (1) *critica*, (2) *manifesta-se* e (3) *avalia* e finalizada com o participante Dizente (1) *Ronaldo Lemos, do Centro de Tecnologia e Sociedade da Faculdade Getúlio Vargas (FGV) no Rio de Janeiro e diretor do Creative Commons no Brasil*, (2) *Otaviano Helene, do IF-USP* e (3) *o deputado*. Aqui já podemos ressaltar a importância creditada ao discurso citado, o que é revelado por sua posição temática na ampla maioria das Orações Verbais encontradas nas reportagens em análise. De fato, como já dissemos, somados os Padrões 1 e 3 encontramos 33% de Orações Verbais com a Citação em posição inicial, ou seja, como ponto de partida das orações.

O Padrão 2 é uma estrutura composta de uma Circunstância de Ângulo seguida de um Relato (estrutura hipotática) eventualmente acrescida de uma Citação (estrutura paratática). Vejamos exemplos dos dois casos:

4. Para ele [Demian Bezerra de Melo, historiador da Universidade Federal Fluminense], a atuação do instituto tem um sentido histórico: a contenção. Seu papel é fazer frente a emergência de governos com vínculos no campo da esquerda na América Latina. (agosto de 2012)
5. De acordo com o sociólogo Sérgio Amadeu, professor da Universidade Federal do ABC e membro do comitê Gestor da Internet no Brasil, o Marco Civil visa desde sua construção colaborativa garantir os direitos que hoje existem na rede contra os ataques promovidos pelas indústrias de telecomunicações e de copyright. (maio de 2013)

Nos exemplos acima, temos ocorrências de uma Circunstância de Ângulo (4) *Para ele* e (5) *De acordo com o sociólogo Sérgio Amadeu, professor da Universidade Federal do ABC e membro do comitê Gestor da Internet no Brasil* seguida de um Relato, ou seja, o discurso referido é apresentado de modo resumido com as palavras do autor do texto.

6. Para o policial [não identificado na reportagem], a violência na polícia paulista é pior do que a da época do esquadrão da morte da ditadura militar. “Hoje é pior, porque naquela época era bem delimitado: polícia é polícia e bandido é bandido. Hoje, a polícia é bandido, porque ela está conjugada com o crime. Tomou uma desproporção.” (setembro de 2012)
7. Para o advogado Rogério Taffarello, membro do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais (IBCCRIM), o posicionamento de Holde é histórico porque parte do país responsável pela disseminação do modelo repressivo pelo mundo. “Se os EUA afirmaram não ter mais dinheiro para sustentar essa política criminal, o Brasil vai ter? Evidente que não”. (setembro de 2013)

Já em (6) e (7), a Circunstância de Ângulo (6) *Para o policial* e (7) *Para o advogado Rogério Taffarello, membro do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais (IBCCRIM)* é seguida de um Relato que, por sua vez, é seguido de uma Citação. Nesse caso, o discurso Relatado é complementado pelo discurso Citado, já que este último supostamente é a transcrição literal do que foi proferido pelo Dizente. Nos dois exemplos, podemos dizer que a Citação é usada para confirmar o Relato feito pelo autor da reportagem.

A estrutura do Padrão 3 é composta de uma Citação seguida de um Processo Verbal:

8. “Para essa tradição, a liberdade é a ausência de restrição externa, onde qualquer política pública que signifique interferência do Estado significa tolhimento. Então eles não conseguem e também não querem, porque é conveniente pra eles, compreender que essa não é a única concepção de liberdade”, explica [o jornalista e sociólogo Venício Lima]. (agosto de 2012)

9. “A diferença é que este direito não pode ser apenas de quem tem o meio de comunicação. Todos têm de ter o direito de se expressar. Não estamos criando um projeto para fechar emissoras. Mas é verdade também que há monopólios no setor. Não somos contra nenhuma emissora, mas somos contra o monopólio”, afirma [Rosane Bertotti, coordenadora do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação e secretária nacional de Comunicação da CUT]. (maio de 2013)
10. “Vivemos no Brasil em um Estado que se pretende limitado e garantista, com uma concepção de sociedade individualista, conflitualista e pluralista, enquanto que em Cuba o estado é intervencionista e dirigista, com uma organização social de concepção totalizante, harmônica e monista”, argumenta [José Carlos Gomes Sardinha, ex-presidente do Conselho Regional de Medicina do Amazonas]. (outubro de 2013)

Os exemplos em tela mostram orações cujo ponto de partida é uma Citação, seguida de um Processo Verbal: (8) *explica*, (9) *afirma* e (10) *argumenta*. Como já dissemos, essa estrutura também demonstra a importância do discurso citado para a revista, já que o ponto de partida da oração constitui seu Tema, ou seja, a parte mais importante nessa estrutura.

Entre os Processos Verbais identificados no discurso de *Caros Amigos*, ilustrados pelos exemplos (1) a (10) acima, encontramos ainda 24 ocorrências nas quais o autor optou por usar um Processo Mental com função de Processo Verbal. O processo Mental, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004), é aquele que se refere à nossa experiência no mundo da nossa própria consciência (cognição, percepção, emoção, desejo). Vejamos alguns exemplos:

11. Embora esteja parado na Comissão de Ciência e Tecnologia, “e de uma certa maneira tenha sido derrotado, ele [o PL] foi empurrado pelo PSDB até o último ponto. Não tem mais nenhuma comissão por onde passar, e está pronto para ser votado. Ou seja, a qualquer momento ele pode ser desengavetado”, preocupa-se Pablo Ortellado, professor da Universidade de São Paulo (USP). (março de 2012)
12. “Mas, em 2010, eu fiz um levantamento pensando no processo eleitoral e me chamou a atenção que nas eleições presidenciais eles se posicionaram de maneira independente pela direita, chegaram até a criticar o [José] Serra [candidato pelo PSDB] por não defender as privatizações do FHC”, relembra [Demian Bezerra de Mello, historiador da Universidade Federal Fluminense]. (agosto de 2012)
13. “É preciso refletir, pois se o sistema político ruir aqui sobre o peso das denúncias, a probabilidade é que não se construa sobre ele algo melhor, mas

que venham aventureiros e os sem partido”, conclui [Maria Hermínia Tavares de Almeida, diretora do Instituto de Relações Internacionais da USP]. (agosto de 2013)

Estamos entendendo os Processos Mentais destacados em (11), (12) e (13) como Processos Verbais, porque seu uso no discurso de *Caros Amigos* é análogo ao dos Processos Verbais. Como se pode ver nos exemplos destacados, nas estruturas oracionais, eles ocorrem após as Citações, ou seja, são utilizados, de fato, para organizar as vozes de terceiros inseridas no discurso da revista.

Função dos verbos introdutores de opinião no discurso da revista *Caros Amigos*

Considerando que uma das regras básicas do jornalismo refere-se exatamente à necessidade de se ouvir representantes dos dois lados da questão, decidimos investigar como são desenvolvidos esses “debates” no discurso da revista *Caros Amigos*, bem como se de fato o são.

Entre as oito reportagens selecionadas para a esta investigação, identificamos duas nas quais não encontramos posicionamentos divergentes dos apresentados pela revista, quatro reportagens com citações de posicionamentos divergentes em cerca de 10% das ocorrências com verbos introdutores de opinião e duas reportagens nas quais cerca de metade das citações refere-se a posicionamentos diferentes do da revista. Sendo assim, podemos dizer que a *Caros Amigos* tende a não desenvolver debates em suas páginas, embora não possamos afirmar que eles estejam totalmente excluídos.

Considerando que se trata de uma revista opinativa, ou seja, que tem como um de seus principais objetivos convencer seu leitor do seu posicionamento ideológico, observamos a carência desse debate nas reportagens analisadas, já que uma forma importante de se formar a opinião do leitor seria exatamente a exposição dos dois lados da questão para que ele mesmo construa suas conclusões.

Além da carência de debates, observamos também a seleção dos verbos introdutores de opinião para cada tipo de fonte. Das 351 orações em tela, 74% são orações verbais nas quais há ocorrência de processo verbal, e os verbos introdutores de opinião mais recorrentes nas reportagens da revista *Caros Amigos* são: *afirmar* (41 ocorrências), *dizer* (31), *explicar* (23), *defender* (11), *apontar* (10) e *avaliar* (10). Além desses, identificamos outros 61 tipos de verbos introdutores de opinião.

Para ilustrar essa análise, recorreremos a dois Processos Verbais encontrados na reportagem “Empresa estrangeira atua em ensino público” (setembro de 2012) que explicitam a diferença no modo de atribuição em relação ao ponto de vista relatado ou citado (favorável ou contrário ao ponto de vista da revista):

14. A modalidade de ensino à distância, conforme ensina Otaviano Helene, do IF-USP, é muito mais precária que a presencial, pois as atividades são mais limitadas. “É um erro grosseiro. Como se forma professor de química, física ou biologia, áreas que precisam fundamentalmente de laboratórios, à distância? De fato, o professor tem mais contato com pessoas do que médicos, dentistas ou enfermeiros. E por que sobrou para esta profissão formar à distância? Porque é a mais fragilizada. Assim, é evidente que os cursos à distância se concentram em áreas como a formação de professor. A consequência é o enfraquecimento ainda maior da profissão. A escola não é um espaço de treinamento. Nesse espaço, a interação é fundamental.” (setembro de 2012)
15. A mídia de massa, de cunho neoliberal, a propósito, insiste na incompetência dos professores como causa direta da má qualidade do ensino. (setembro de 2012)

Em (14), o Processo Material⁴ *ensinar* é usado com função de Processo Verbal, já que introduz o relato e, na sequência, uma citação da fala do Dizente *Otaviano Helene, do IF-USP*. Nessa ocorrência, o autor insere uma voz que funcionará como argumento de autoridade, o que é revelado pelo Processo Verbal selecionado. De fato, nesse caso, o Dizente não apenas *explica* ou *esclarece*, mas *ensina*, ou seja, transmite um conhecimento que deve ser apreendido pelo leitor. O que é reforçado pela identificação do Dizente *Otaviano Helene, do IF-USP* (Instituto de Física da Universidade de São Paulo).

Dessa forma, o verbo introdutor de opinião *ensinar* assume uma força argumentativa que tende a levar o leitor da reportagem a concordar com o posicionamento ali defendido. De acordo com Marcuschi (2007), podemos dizer que se trata de um *verbo indicador de força do argumento*. Além disso, ele mostra a sintonia entre o discurso da revista e o do professor citado.

Em (15), o verbo introdutor de opinião *insistir* organiza um aspecto conflituoso, já que introduz um ponto de vista divergente em relação ao discurso de *Caros Amigos*. O Dizente é *a mídia de massa*, também identificada como *de cunho neoliberal*. Nesse contexto, a insistência sugere uma superficialidade do argumento, pois ele estaria sendo repetido à exaustão, mas sem uma justificativa convincente.

Considerações finais

⁴ De acordo com Halliday e Matthiessen (2004), os Processos Materiais são aqueles responsáveis por descrever o fazer (ação) e o acontecer no mundo material.

De um modo geral, pode-se dizer que há uma tendência à omissão do debate no discurso da revista *Caros Amigos*, mas não podemos afirmar que há uma ausência total. De fato, em duas das reportagens analisadas para este trabalho verificamos a ausência total de uma discussão sobre o tema com opiniões favoráveis e contrárias às do autor do texto. No entanto, em outras quatro reportagens encontramos um debate que pode ser considerado simbólico, já que havia uma desproporção entre as vozes (apenas cerca de 10% do total de vozes discordavam do autor da reportagem) e nas outras duas reportagens houve um debate real, revelado pela presença de cerca de metade das vozes discordantes. Estamos entendendo esse mapeamento como indicativo de uma *tendência*, pois em seis das oito reportagens analisadas o debate foi ausente ou apenas simbólico.

Além disso, no que se refere à estrutura da oração verbal, constatamos uma maioria de Citações, ou participante Verbiagem, nessa posição. Sendo assim, podemos inferir que o maior destaque nesse discurso recai sobre o que é dito pelas fontes da revista, e não sobre sua fonte.

No que se refere aos verbos introdutores de opinião verificamos uma complexidade no uso desses verbos, bem como uma ampla variedade deles. É importante ressaltarmos a diferença no uso desses verbos quando relacionados a fontes em acordo com o posicionamento da revista e a fontes em desacordo com esta. De fato, no primeiro caso, os verbos funcionam de modo argumentativamente mais forte.

Os modos de dizer em determinado texto revelam posicionamentos ideológicos muitas vezes dissimulados no fio do discurso, o que torna este estudo fundamental, já que tentamos descortinar alguns desses usos. Tal análise importa ainda para despertar a atenção do leitor para as possibilidades interpretativas de um único texto, o que permitirá uma leitura mais crítica.

Referências

EGGINS, S. *An introduction to systemic functional linguistics*. New York, London. Continuum, 2004.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. Routledge. London, 2003.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to functional grammar*. London. Hodder Education, 2004.

HUNSTON, S. *A corpus study of some English verbs of attribution*. *Functions of Language*. 1995. 2, 2, p. 133-158.

MARCUSCHI, L. A. *A ação dos verbos introdutores de opinião*. In: _____
Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas. Rio de Janeiro:
Lucerna, 2007. p. 146-164.

OLIVEIRA, D. de. *Gerenciamento de vozes no discurso midiático: Caros Amigos x
Época*. Cadernos de Linguagem & Sociedade, 2014. 15 (1), p. 84-100.